

DANÇA PARA SURDOS NA ESCOLA PÚBLICA: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA.

Andreia Silva de Melo¹
Prof. Dr. Marcílio de Souza Vieira²

Ao pensar numa educação inclusiva vislumbramos a necessidade de atender pessoas com necessidades especiais, afirmando a garantia educacional dos seus direitos de aprendizagem e comunicação, como cidadãos participantes de uma sociedade democrática. As vivências desses alunos que estão integrados no espaço escolar são construídas socialmente por meio de relações que ultrapassam o ensino formal e permitem ao educando a sua formação, além de edificar o seu conhecimento.

No Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases, criada desde 1996, garante o direito a todos os cidadãos, inclusive aqueles com necessidade, a possuírem uma educação básica gratuita e acesso aos espaços escolares de ensino formal. A escola faz parte desse ambiente no qual esse sujeito irá crescer e aprimorar seus conhecimentos, vivenciar novas formas de observar o mundo e se relacionar com o outro. Segundo KASSAR (1999):

[...] é sempre em um determinado 'mundo' (no contato com o outro) que o sujeito nasce, cresce, se desenvolve, se constitui. É este mundo (de incontáveis e encantáveis outros) que será, por ele, internalizado, no processo de sua constituição social. (KASSAR, 1999, p.69)

É nesse espaço escolar que o discente pode se desenvolver culturalmente, trabalhar seus impulsos e pontos de vista, além de socializar e interagir com outro. Entendemos que, para refletir sobre uma pessoa com necessidades especiais é necessário estimular suas capacidades, deixar de lado as suas fraquezas e desconsiderar a todo tempo a sua deficiência, para fazê-la viver fatos significativos, torná-la um ser pensante de sua linguagem, passível de diálogo e ciente das suas competências.

O que acontece na realidade é que muitas escolas de ensino formal não possuem capacidade para atender as pessoas com deficiência, e a teoria proposta na legislação para

¹ Mestranda do Mestrado Profissional em Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, andreasemacento@hotmail.com;

² Professor orientador: Pós Doutor pelo Instituto de Artes da Unesp e Pós Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPB, Professor Adjunto do Departamento de Artes. É Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGARC) da UFRN. Atua nos Programas de Pós-graduação em Artes Cênicas da UFRN e PROFARTES/UFRN. Possui graduação em Educação Artística com habilitação em Artes Cênicas (2002) e graduação em Educação Física (2010) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: marcilioov26@hotmail.com.

assegurá-los de uma educação inclusiva não ocorre na prática. Em alguns casos, o atendimento só ocorre em escolas especiais, como é o caso dos centros voltados para atender aos surdos, que promovem a produção da identidade surda e oferecem um ensino voltado ao desenvolvimento humano e cultural do cidadão.

Esse aluno especial que está inserido numa instituição de ensino formal deve ter direito a desenvolver essa aprendizagem, que transcende a formalidade e passa a envolver a competência humana, pois ele passa por experiências dentro da sala de aula que abordam valores ao seu dia-a-dia.

No cenário educacional as interações do sujeito estão repletas de símbolos significativos que possibilitam a aprendizagem e socialização com o outro, auxiliando-o a compreender melhor a sua própria trajetória de vida. Por isso é importante desenvolver uma proposta educativa para esses indivíduos que, sápidos de seus limites, convivendo numa sociedade histórico-cultural, possam aprimorar sua aprendizagem, seu conhecimento, o seu modo de viver e de reconhecer a sua história.

Esse processo de aquisição do conhecimento para os alunos especiais, seria voltado aos surdos³, por meio da Língua de Sinais⁴. Essa linguagem viso-espacial apresenta valor comunicativo e oportuniza diversas finalidades para o indivíduo, na sua forma de sentir, pensar, comunicar, raciocinar e se expressar sobre o mundo em que vive.

O nosso escrito tem por objetivos refletir sobre as contribuições da dança para o ensino de crianças surdas; indicar uma possibilidade de trabalhar o conteúdo corporal com discentes do Ensino Fundamental I, considerando as experiências histórico-culturais trazidas pelos educandos e desenvolver a leitura crítica e contextualizada dessas formas educacionais de inclusão.

Entendemos que refletir sobre educação inclusiva é importante, pois valoriza a aprendizagem dos alunos surdos que estão presentes na escola e que, muitas vezes, não são reconhecidos pelos próprios professores, gestores e colegas, ali inseridos, o que restringe o seu diálogo apenas à comunidade que os acolhe.

³ Aqueles que nasceram ou adquiriram a surdez ao longo da sua vida, considerando a surdez parcial ou total. Utilizam a LIBRAS, para comunicar-se por meio da linguagem viso-espacial.

⁴ No Brasil utilizamos a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), para ensinar o conhecimento a crianças surdas ou pessoas que adquiram surdez. É a primeira língua a ser aprendida pelo surdo, por isso é considerada língua materna.

Trazer esse conteúdo para a escola favorece o entendimento das relações históricas e de formas inclusivas que se inscrevem no meio do processo educacional. Envolve os discentes em vivências visuais corporais que possam propiciar o conhecimento da linguagem visual do corpo observada na sua própria história e no reconhecimento da história do outro, para assim compreender e se conscientizar sobre a relação do olhar, perceber e dialogar com o meio social ao qual pertencem. Segundo Baleiro et al. (2015):

Se o outro, no caso, o aluno, tiver espaço para ser ouvido como um outro inteiro, se tiver interlocutores, então eu acredito estaremos construindo uma escola diferente. Parto da premissa de que a linguagem se constitui na interação com os outros sujeitos e que, para tanto, não basta ensiná-la ao surdo, é necessário inseri-lo em um diálogo, para que, por meio do processo de interação/interlocução, se possa chegar à construção de significados. (BALEIRO et al., 2015, p.91)

Aprender sobre um conteúdo inclusivo que é cada vez mais vivenciado em meio ao espaço escolar pelo professor, discutir sobre ele, dialogar a respeito das práticas observadas no entorno social e poder aplicá-lo em sua sala de aula, favorecendo o espaço educacional de forma a multiplicar os conhecimentos, somando-os para alicerçar aprendizagens, o que qualquer professor estaria motivado a realizar.

A linguagem visual é uma referência necessária para a pessoa surda, pois oferece possibilidades de interação com o meio social e com o outro. Nesse intercâmbio, ocorre a construção de significados, que oferecem ao surdo experiências com o mundo, sendo possível a sua apropriação para daí construir sentidos para ele.

Na aprendizagem visual pode-se realizar a leitura de imagens: de livros ou revistas; no meio de convívio da comunidade local; como assistência para entender textos; ou distinguir figuras de diferentes ambientes, como no espaço escolar para o letramento. Segundo Barbosa (2001 p. 34), “Temos que alfabetizar para a leitura da imagem”. A autora comenta que por meio da leitura de obras poderemos preparar a criança para decodificar a linguagem visual, da imagem fixada.

Observamos que a utilização de recursos visuais é variada para a alfabetização de surdos. Figuras, sinais e símbolos são materiais recorrentes utilizados pelo professor, para que a criança possa melhor compreender a tarefa e passe a criar também, suas próprias imagens significativas. Dewey (2010, p. 98), comenta que obras de artes podem provocar uma “experiência duradoura. As obras e as reações que elas provocam são contínuas aos próprios

processos do viver, conforme estes são levados a uma inesperada realização satisfatória”. Desgranges (2006), complementa essa afirmação, ao descrever sua experiência artística, de ‘olhar a arte e ver a vida’ após visitar o Museu D’Orsay, em Paris:

O principal aspecto, que gostaria de ressaltar, da relação dos visitantes com as obras de arte e com a paisagem vista pela janela, foi especialmente, a capacidade da arte de provocar e, por que não? tocar os contempladores, sensibilizando-os para lançar um olhar renovado para vida lá fora. (DESGRANGES, 2006, p. 27).

O aluno com surdez pode retratar sua própria história e revelar uma série de acontecimentos, passados ou futuros, se inserir numa narrativa visual onde as suas imagens podem se apresentar de forma isolada ou seguir uma determinada sequência, como por exemplo, ao pensar em trabalhar com os quadrinhos.

Barbosa (2001 p. 34), complementa que a criança pode também ser alfabetizada, para a leitura da imagem em movimento por meio do cinema e da televisão, para que ela possa “aprender a gramática da imagem em movimento”.

Nesse caso, o ensino de dança no espaço escolar pode abrir uma possibilidade de aumentar o conhecimento visual e a linguagem corporal desses alunos. Ao incluir gestos imbricados de simbologias por meio das imagens, os discentes poderão entender que podem se comunicar e transmitir pela linguagem corporal.

Esse ensino deve estimular aos alunos a explorarem a sua forma particular de dançar, sem negar os gestos que já foram construídos. Ir além do que podemos enxergar, na tentativa de aprender novos significados e percepções de mover-se por meio das sensações. Esses movimentos legitimam a dança por meio de vivências, uma vez que suas ações são ressignificadas pelo indivíduo. Nessa proposição, a pessoa ao conhecer mais sobre o seu corpo, incorpora gestualidades próprias.

Nesse sentido, a arte de modo específico, consegue dar significação às experiências dos indivíduos com necessidades especiais, ao ampliar o campo de reflexão, percepção, sensibilidade e imaginação que eles possuem, por meio do movimento corporal.

Entendemos que o fazer artístico interligado a vivência do indivíduo com necessidade especial respeita os valores, os interesses e o desenvolvimento da criança, além de contribuir

para a aprendizagem do conteúdo integrado, a um currículo escolar, que beneficia a cultura e a sociedade.

Para essa proposta em andamento é necessário envolver arte na aprendizagem desses alunos surdos, pois ela oportuniza aos demais educandos refletir, apreciar e conhecer, de forma individual e coletiva, respectivamente o próprio corpo e o corpo do outro, respeitando as singularidades e beneficiando os valores, de acordo com a fruição, descoberta e experiência que cada um possui, na vivência e nos exercícios.

Palavras-chave: Ensino da Dança; Surdos; Escola.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

DESGRANGES, Flávio. **Pedagogia do teatro: provocações e dialogismo**. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

DEWEY, J. Ter uma experiência. In: DEWEY, **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p.109-141.

GRINSPUM, Denise. **Ver palavras, ler imagens: literatura e arte**. São Paulo: Global, 2003.

KASSAR, M. C. M. **Deficiência múltipla e educação no Brasil: discurso e silêncio na história de sujeitos**. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.